

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA MÚSICA *JEITÃO DE CABOCLO*

José Antônio Alves Júnior¹, Orientador: Cleudemar Alves Fernandes²

¹Universidade Federal de Uberlândia/Curso de Mestrado em Lingüística
Al. Bertoldo Antônio Borges, 151, B. Jardim das Palmeiras II, Uberlândia – MG CEP: 38400-000
alves-jr@hotmail.com

²Universidade Federal de Uberlândia/Instituto de Letras e Lingüística
Av. João Balbino, 1941, Apto. 403 – G, B. Santa Mônica, Uberlândia – MG CEP: 38408-262
cleudemar@uol.com.br

Resumo: *Jeitão de Caboclo* é uma música que compõe o *corpus* do nosso projeto de mestrado em Lingüística. O objetivo geral deste trabalho é analisar a constituição do sujeito nos discursos presentes na música. Nossa hipótese é de que o sujeito construído na música é identificado à cultura caipira, mas está dela destituído. Este sujeito se encontra em um entrelugar, que é um lugar de representação social onde o caipira aparece ausente de seu espaço sociocultural rural e não identificado com as relações do cotidiano da cidade. O entrelugar aponta para a identidade do sujeito como plural e fragmentada, em decorrência dos deslocamentos e inscrição do sujeito em diferentes discursos.

Palavras-chave: Sujeito discursivo; entrelugar; memória; contradição.

Área do Conhecimento: Lingüística

1 Introdução

O presente artigo integra o projeto de mestrado intitulado Música Caipira ou Raiz: o entrelugar da memória e da contradição, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia, junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística. O objetivo da pesquisa de mestrado é analisar a constituição do sujeito em músicas do gênero raiz. Neste artigo, apresentaremos alguns resultados da pesquisa, a partir da análise da música *Jeitão de Caboclo*. Evidenciaremos aspectos constitutivos do sujeito no seu espaço sociocultural rural, na música representado pelo sítio, com elementos que corroboram uma identidade plural e fragmentada, dada a inscrição do sujeito em diferentes discursos e sua constituição em um não-lugar, espaço de contradição, conflito e ausência. Para a análise proposta, pautar-nos-emos na teoria francesa do discurso, mais especificamente, nas contribuições de Michel Foucault a essa área, e a noção de identidade advinda da perspectiva dos estudos culturais de Stuart Hall e outros estudiosos. Centrar-nos-emos nas noções de discurso, sujeito discursivo, memória discursiva e identidade para mostrar que o sujeito presente na música é social, coletivo e se produz no interior de discursos vindos de diferentes lugares na história.

2 O entrelugar do caboclo

A música *Jeitão de Caboclo*, composta por Valdemar Reis e Liu, retrata os conflitos de um sujeito destituído de seu espaço sociocultural rural e transposto para o mundo urbano, com o qual não se identifica. Para procedermos à análise da constituição discursiva desse sujeito, conforme propomos, apresentaremos a seguir a letra da música, nosso objeto de análise.

Jeitão de Caboclo

Se eu pudesse voltar aos bons tempos de criança
Reviver a juventude com muita perseverança
Morar de novo no sítio na casa de alvenaria
Ver os pássaros cantando quando vem rompendo o dia
Eu voltaria a rever o pé de manjeriço
A curruila morando lá no oco do mourão
Os bezerros do piquete e nossas vacas leiteiras
O papai tirando leite bem cedinho na mangueira;

Eu voltaria a rever o ribeirão Taquari
Com suas águas bem claras onde eu pesquei lambari
O nosso carro de boi, o monjolo e a moenda,
As vacas Maria-Preta, Tirolesa e a Prenda
Na varanda tábuas grandes cheias de queijo curado
E mamãe assando pão no forno de lenha ao lado
Nossa reserva de mato, linda floresta fechada
As trilhas fundas do gado retalhando a invernoada;

Quería rever o sol com seus raios fluorescentes
Escondendo atrás da serra roubando o dia da gente
O pé de dama-da-noite junto ao mastro de São João
Que até hoje perfumam a minha imaginação
O caso é que eu não posso fazer o tempo voltar
Sou um cocão sem chumaço que já não pode cantar
Hoje eu vivo na cidade perdendo as forças aos poucos

Mas não consigo perder o meu jeitão de caboclo.

A análise da música *Jeitão de Caboclo* evidencia-nos a construção de um sujeito a partir de discursos produzidos historicamente na tensão entre diferentes lugares; ela trabalha a constituição do sujeito pela presença de elementos socioculturais característicos de um espaço definido como rural. O sítio, definido como lugar de representação social rural, constitui-se da presença de elementos e objetos simbólicos que asseguram a identificação do sujeito a um modo de vida singular. Temos a produção histórico-social de um lugar pela presença de elementos típicos da cultura caipira, como carro de boi, forno a lenha, monjolo, moenda, etc. Esses elementos apontam para uma posição-sujeito que se situa na história, evidenciam o cotidiano de uma coletividade de sujeitos adaptados a uma maneira de viver que se difere de sujeitos que vivem nos centros urbanos. O monjolo e a moenda mostram que os trabalhos no campo são essencialmente manuais, ao contrário das cidades em que muitas atividades são realizadas com máquinas. O carro de boi, por sua vez, explicita a importância dos animais domésticos para o morador rural, que, além da função de transporte, auxilia no desenvolvimento de muitas tarefas.

O sujeito, produzido nos/pelos diferentes discursos que integram a letra da música, remete para um entrelugar, que representa sua destituição do mundo rural e a sua desidentificação com o cidadão. O sujeito, provavelmente um caipira, visto que os elementos descritos na música apontam para a cultura caipira, aparece destituído de seu espaço sociocultural para o qual aponta como partícipe, representado na música por um sítio. A cidade, espaço físico em que se encontra, revela-se um não-lugar, e o sujeito se mostra não integrado/identificado às mais diversas relações cidadinas: trabalho, lazer, educação, etc. O entrelugar a que nos referimos é um lugar de representação social e histórica distante do campo, e fora da cidade, mesmo que fisicamente exista nela. É um lugar de ausência dos elementos histórico-sociais de constituição do sujeito no espaço rural. A produção do entrelugar explicita o entrecruzamento de discursos oriundos de diferentes épocas e/ou momentos históricos. Cada discurso, singular quanto a sua historicidade e condições de produção, retrata a ausência, o conflito, mas também, a esperança para o caipira de que, no entrelugar, onde já não existe mais o sítio, no *Jeitão de Caboclo* que preserva possa manter o passado vivo. Nesse sentido, a memória discursiva implica o deslocamento ou retomada do passado (re)significado para a produção de um outro

discurso, assim, nos mostra ser um conceito essencial que possibilita apreender o sujeito da música em discursos produzidos historicamente em diferentes lugares.

O sujeito referido na música não se centra em uma esfera individual, o que está em questão não é a existência de um único indivíduo ausente de sua cultura. Trata-se da existência histórico-social e coletiva de sujeitos destituídos de seu espaço sociocultural. O caboclo, produzido no interior dos discursos que contrastam entre o passado e o presente, e dessa maneira formam o entrelugar, é plural e fragmentado, o que caracteriza uma heterogeneidade própria a sua constituição nos/pelos discursos. Nota-se, assim, uma identidade plural e fragmentada, produzida pela constituição histórica do sujeito em diferentes lugares e por seus deslocamentos de um espaço físico-social para outro. Essas movências atestam o caráter *mutante* e *cambiante* da identidade (HALL, 2006) e explicitam, sobretudo, um sujeito deslocado e descentrado, cuja identidade se revela instável pelas constantes transmutações que sofre. No entrelugar, a identidade do sujeito é inacabada “composta de não uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

A Análise do Discurso considera o sujeito discursivo por um viés social e pelo inconsciente, o que significa dizer que ele se constitui na relação com outros sujeitos em diferentes instâncias sociais, e, pelo funcionamento do inconsciente, mostra um Outro sujeito que não se reconhece em si. Essas instâncias, o social e o inconsciente, são atestadas por Authier-Revuz (2004) ao tratar do outro, de natureza social, decorrente da inscrição do sujeito em diferentes lugares da sociedade, e um Outro, de natureza inconsciente, que dá vazão à manifestação do desejo e mostra o sujeito em um lugar desconhecido e não dono de si. Sobre a constituição do sujeito nos discursos presentes na música, estes revelam-nos aspectos de natureza contraditória em funcionamento. O sujeito, integrante de um espaço social definido como rural e dele destituído, insere-se em um entrelugar que se constitui na/pela oposição de lugares – o presente na cidade e o passado no campo. Alguns elementos descritos na música, como a casa de alvenaria, existem tanto no campo como na cidade, mas na música, especificamente, revelam o caráter contraditório do sujeito na tentativa de restabelecimento do passado. A contradição se dá na medida que o passado que busca (re)construir constitui-se da presença não apenas de elementos rurais, mas também de elementos da cidade; a existência do caipira é perpassada por traços e/ou objetos que integram e são comuns a diferentes lugares.

Nesse sentido, a contradição aparece como condição para o funcionamento do sujeito, assim como do discurso, aspecto também atestado pelo entrelugar constituído da ausência do campo e da negação da cidade.

Na primeira estrofe da música, o sujeito mostra-nos a ausência de seu mundo histórico-social, em seu desejo de novamente ter o sítio e o seu encanto, como realidade que se encontra no lugar do possível, o que só é possível fora do entrelugar, que, pela ausência, se mostra distante/impossível. Temos na materialidade discursiva da música, a descrição de elementos que exaltam a riqueza natural do sítio, como em “Ver os pássaros cantando...”, próprios do mundo rural, e que fazem parte da construção identitária do sujeito rural. A presença de animais domésticos como bezerros e vacas e o trabalho de tirar o leite ao pé de uma mangueira remetem à existência social de sujeitos que possuem um modo singular de viver. Esse sujeito se diferencia de outros que não possuem uma construção identitária sociocultural rural, contudo, notamos que sua constituição, na música, reflete explicitamente uma heterogeneidade constitutiva uma vez que esse sujeito conviveu, em sua juventude no sítio, com elementos de discursos que contrastam entre o campo e a cidade. A heterogeneidade é tomada como condição de existência dos discursos e dos sujeitos, pois tanto os discursos, como os sujeitos resultam de um entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no social.

A segunda estrofe traz os enunciados *carro de boi*, *monjolo*, *moenda* e *forno de lenha* que apontam para uma posição-sujeito que se inscreve na história. Esses enunciados evidenciam aspectos histórico-sociais que constituem o mundo rural, do qual o sujeito descrito na música faz parte. Tais elementos revelam a existência do sujeito num espaço de tensão e conflito – o carro de boi, instrumento de trabalho tradicional do mundo rural, já não existe mais, substituído pelo trator e pelo caminhão, assim como outras ferramentas artesanais, substituídas pela maquinaria moderna. Os elementos peculiares ao rural desfazem-se, e outros discursos caracterizados pelo avanço tecnológico ganham o lugar antes ocupado por instrumentos tradicionais como o carro de boi.

A ausência mostra-nos o desejo do sujeito de novamente ter um lugar em que possa desfrutar de um ribeirão de águas claras, de reservas de mata fechada, saborear alimentos feitos no forno de lenha, e que não existem mais. Ao remeter às trilhas deixadas pelo gado, o sujeito refere-se à saudade deixada pela profissão de boiadeiro, atividade realizada por sujeitos que, com o auxílio de cavalos, conduziam o gado de uma região para outra. Profissão esta

substituída pelo caminhão boiadeiro. A ausência remete a uma memória discursiva, uma vez que o passado é colocado pelo caipira como aspecto que denota a felicidade, e, por tanto, é por ele buscado. No entanto, esse passado retomado pela memória aparece tornado-se outro, em discursos produzidos por condições histórico-sociais diferentes das anteriores, atestando o caráter singular do discurso no que concerne a sua historicidade. Quanto aos enunciados *carro de boi*, *monjolo*, *moenda* e *forno de lenha*, podemos dizer, pautando-nos em Foucault (2005), que sua existência enquanto acontecimento historicamente produzido não se repete, é marcada pela singularidade. Eles implicam uma função enunciativa na medida que apontam para uma posição-sujeito que se inscreve na história, e reiteram, na música, a ausência constitutiva do sujeito. Os enunciados relacionam-se com outros com os quais formam um campo associativo, projetam-se do passado para o futuro e excluem outras formas de enunciados, por exemplo, o enunciado *carro de boi* relaciona-se com o enunciado *caminhão*, ambos têm a função de transporte. Contudo, há uma relação de exclusão, pois a utilização do *caminhão* se dá em um momento em que o *carro de boi* já não tem mais lugar.

A terceira estrofe enfatiza o lugar da ausência para o sujeito, que se mostra perdido face à destituição do passado. Parece não ser mais possível para o sujeito rever raios de sol, pés de dama-da-noite, elementos que perfumam sua imaginação. O discurso caracterizado pela ausência expõe uma memória discursiva em funcionamento, visto que o passado é objeto de (re)construção do sujeito. O entrelugar aparece como obstáculo para a retomada do passado e a sua (re)significação no presente; ele impede o caipira de ter sua vontade satisfeita. Distante da “roça”, e fisicamente na cidade, o caipira não vive as relações citadinas. A estrofe aponta relações do sujeito com elementos sócio-históricos de seu passado, e evidencia a constituição do sujeito pelo conflito que se estabelece no entrelugar pelo passado distante e a não identificação com o presente na cidade. As relações construídas pela ausência e pelo conflito com o urbano mostram-nos um sujeito destituído do poder pela impossibilidade de reverter a situação em que se encontra, o sujeito, ainda caboclo, não possui estratégias para mudar o presente na cidade, o que é atestado pelo enunciado “Hoje eu vivo na cidade perdendo as forças aos poucos”. O poder, numa acepção foucaultiana, não se restringe às estruturas políticas, governo, lugares assumidos em instituições, compreendidos como um posto de quem comanda. Nas relações humanas, quaisquer que sejam, o poder está sempre presente; há relações de poder em todas as

relações entre sujeitos. O poder na música é focalizado em micro instâncias, é um exercício integrante do cotidiano e refere-se às estratégias que o sujeito pode ou não utilizar em benefício próprio. Na música, a (re)construção idealizada do passado é destituída pela falta de instrumentos de poder que o caipira possa utilizar em benefício próprio.

Ainda na terceira estrofe, quando o sujeito se define como um *cocão sem chumaço*, que já não pode cantar, e como quem não perdeu seu *Jeitão de Caboclo*, mesmo vivendo na cidade, percebemos novamente a contradição em funcionamento no discurso e na constituição do sujeito. *Cocão* e *chumaço* são peças de madeira em que se movimenta o eixo do carro de boi, produzindo um chiado característico – *a cantiga do carro de boi* –, no texto, são tomados como metáfora que denotam um aspecto de tristeza, representam o caipira inutilizado, deslocado de seu lugar, onde não pode mais cantar. Já o termo *Jeitão de Caboclo* refere-se ao cuidado desse sujeito em não perder a identidade construída no campo. A contradição aparece quando o sujeito, mesmo destituído de seu cantar, preserva aspectos característicos de seu mundo rural. O sujeito da música busca preservar sua identidade de caipira, mas, como pontua Silva (2007, p. 84), “a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo uma impossibilidade”.

O cuidado do sujeito, em relação a si, mostra-nos que, mesmo fisicamente na cidade, mas sem estar integrado a ela, busca preservar em seu modo de viver aspectos de seu passado no sítio. Segundo Foucault, apud Campilongo (1999), o cuidado do sujeito consigo passa por uma questão ética (moral) e uma estética da existência. “A formação do sujeito subjetivado por identidades é resultante de formações e práticas discursivas que se inscrevem nas relações de poder/saber” (CAMPILONGO, 1999, p. 66). Essas tecnologias de si “apresentam-se sob a forma do estabelecimento de uma ética da existência, através de tratados morais, de como tratar-se de si, definindo ações e comportamentos” (CAMPILONGO, 1999, p. 66). O sujeito da música necessita preservar, por meio de práticas e comportamentos, elementos sócio-históricos de sua cultura rural, para existir como sujeito do campo, mesmo que na cidade.

3 Conclusão

A análise de *Jeitão de Caboclo* possibilitou-nos compreender os processos sócio-históricos de constituição do sujeito a partir de diferentes discursos. Na música, o sujeito mostra-se em um entrelugar que se constitui da ausência de elementos socioculturais próprios ao mundo

rural e do não reconhecimento de si na cidade. O entrelugar é um espaço de tensão e conflito para o sujeito que, destituído do poder, luta para preservar sua identidade de caboclo. Quanto à identidade do sujeito na música, observamos ser esta plural e fragmentada decorrente dos deslocamentos do caipira de um espaço físico-social para outro. Para o sujeito, o entrelugar é, de fato, o lugar de impossibilidade de (re)construção do passado. Destituído do poder, o caipira se mostra inutilizado na cidade e um dos fatores que corroboram essa inutilização é o trabalho. Dessa maneira, a exclusão social passa a ser realidade constante para o caipira-urbano.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline **Entre a Transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.
- CAMPILONGO, Maria Assunta. A Noção de Sujeito em Michel Foucault. In: **Educação e Subjetividade**. N° 6, V. 6, Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 63-72.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica** – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença** – perspectiva dos Estudos Culturais. 7 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.